

Editorial 108 – Conta Externa do 1.º Semestre de 2024

Por: Heitor Carvalho

Todas as comparações se referem aos valores dos 1.º Semestres de 2023 e 2024.

BALANÇA COMERCIAL

A **Balança comercial** passa de 5,0 para 7,4 mil milhões de USD (+50%).

Contudo, o saldo da **balança comercial não-petrolífera** é permanentemente negativo, apesar de melhorar 16,4% de -8,1 para -6,8 mil milhões de USD (-1,3 mil milhões). Os bens e serviços não-petrolíferos exportados aumentam de 1.045 para 1.077 (3%), mas a base é muito baixa e o crescimento é de apenas 32 milhões de USD! É o decréscimo das importações, que se reduzem em cerca de 1.300 milhões (-14%), que afecta o saldo.

A melhoria do saldo externo não-petrolífero está a ser feita à custa da redução da oferta global, o que, apesar de melhorar o equilíbrio da BP, desequilibra a oferta e procura agregadas, criando inflação!

A cobertura das importações pelas exportações não-petrolíferas sobe de 11,4% para 13,7% (+2,28 p.p.). Apesar dos actuais sacrifícios exigidos à população a melhoria é demasiado tímida. Sem o petróleo não seríamos capazes de importar 86% do que hoje importamos!

EXPORTAÇÕES

As exportações apresentam um crescimento significativo (7,2%), passando de 16,7 para 17,9 mil milhões de USD (+1,2 mil milhões).

As exportações petrolíferas passam de 16,0 para 17,2 mil milhões de USD (+1,2 mil milhões – 7,5%) determinado a variação total das exportações.

As exportações diamantíferas apresentam uma variação sem significado (-0,8%), passando de 712 para 706 milhões.

As outras exportações crescem 11,2% passando de 333 para 371 milhões (apenas +38 milhões de USD, igualmente sem significado).

A estrutura das exportações mantém-se, com as petrolíferas a representarem 94,1% (+0,2 p.p.), as diamantíferas 3,9% (-0,3 p.p.) e a soma de todas as restantes a manter-se em 2,0% .

As **exportações de petróleo** bruto em quantidades aumentam de 1.012 para 1.067 mil barris/dia (+5,4%), devido à comparação com a fase de manutenção do bloco 17, em 2023. Os preços crescem 7,4% (de 77 para 83 USD por barril). Destas variações resulta um aumento 13,2% em valor.

A produção petrolífera estabiliza próximo dos 1,1 mil milhões de barris/dia desde 2022, o que é um resultado muito positivo para o trabalho da equipa do Ministério e da ANPG!

Contudo, o problema principal deste sector é a falta de investimentos adequados que possibilitem a descoberta de novas reservas. A probabilidade das reservas actuais se esgotarem sem substituição é muito grande. O investimento petrolífero em 2023 situa-se em 8,7 mil milhões em 2023 e, anualizando o 1.º Semestre de 2024, poderá crescer para 9,0 mil milhões. É um crescimento muito positivo, mas ainda muito insuficiente.

O **gás** é o nosso 2.º produto de exportação, com as quantidades a passarem de cerca de 21,7 para 16,4 milhões de barris (-24%). Os preços por barril caem de 72 para 59 USD (-18%)! A variação negativa das quantidades e preços determinou uma redução de 38% em valor.

Os **refinados** representam o nosso 4.º produto de exportação, depois dos diamantes. Em quantidades, há uma redução substancial de 4,6 mil para 3,0 mil centenas de toneladas métricas (-36%), que é acompanhada de uma ligeira subida dos preços por Ton. (+1,3%). Da queda das

quantidades e subida dos preços resultou uma queda significativa em valor, de 251 para 164 milhões de USD (-35%)

As **exportações não-petrolíferas** passam de 1.045 para 1.077 milhões de USD (+3%), com -0,8% nos diamantes e +11% nos restantes produtos.

Nos **diamantes**, as quantidades exportadas descem de 4,1 para 3,9 milhões de quilates (-3,5%). Os preços passam de 175 para 180 USD/quilate (+2,8%). Em resultado da redução ligeira das quantidades e do aumento dos preços, as exportações em valor baixam muito ligeiramente de 712 para 706 milhões (-0,8%), mantendo o 3.º lugar nas nossas exportações.

O total de exportações de **bens e serviços não petrolíferos nem diamantíferos** passa de 333 para 371 milhões de USD (+11%), somando apenas 53% das exportações diamantíferas e 2% das exportações totais.

Máquinas e equipamentos passam de 57 para 73 milhões de USD, (+28%). É fundamental que se explique de que máquinas e equipamentos se trata. São veículos e máquinas de sucata? São saídas para reparações? Venda de equipamentos usados para outros fins? Máquinas e equipamentos novos não parecem ser porque não os produzimos! É fundamental esclarecer o que é o nosso 2.º produto de exportação não petrolífera!

Construção e materiais de construção sobe 2 posições ocupando agora o 3.º lugar, subindo de 30 para 64 milhões (+118%). Digno de nota!

A exportação de **bens alimentares** desce para o 4.º lugar nas exportações não-petrolíferas praticamente estagnando (+0,7%).

Minérios e minerais, que já apresentaram uma queda em 2023, voltam a descer de 81 para 51 milhões (-37%), descendo para o 5.º lugar das exportações não petrolíferas.

Bebidas e tabacos e madeira e cortiça têm agora valores insignificantes de 10 e 7 milhões respectivamente. Se descontarmos as máquinas e equipamentos que tudo indica que não são produção realizada no país, apenas conseguimos exportar *commodities*!

A ordem das primeiras 10 exportações foi a seguinte: o petróleo bruto pesou 87,9%, seguido do gás (5,3%), diamantes (3,9%), Refinados 0,9%, Máquinas e equipamentos (que não são produtos internos) 0,4%, materiais de construção 0,4, bens alimentares 0,3%, minérios 0,3%, bebidas 0,1% e madeiras 0,0%. Os outros bens representam 0,4 e os serviços 0,2%!

As variações relevantes ocorrem no petróleo bruto (+4,63 p.p.), gás (-3,81 p.p.), diamantes (-0,31 p.p) e refinados (-0,58 p.p.). As restantes variações têm pouca relevância devido aos seus valores muito reduzidos.

IMPORTAÇÕES

As importações de bens e serviços decrescem 10%.

Contudo, apesar da implementação eficaz de uma estratégia geral acertada, na nossa opinião, uma ideia demasiado simplista do problema conduziu a efeitos severos na economia, nomeadamente na competitividade das empresas nacionais e na inflação.

Não se deixa de importar o que se produz! Primeiro, porque isso protege a ineficiência. Devem proteger-se os melhores produtores, obrigando os menos competitivos a colarem-se aos melhores. Protegendo todos os produtores, por pior que sejam, o que se consegue é que os melhores produtores se colem a eles, subindo os preços. É o que está a acontecer! Segundo, porque queremos que se invista em tudo aquilo que ainda não se produz, protegendo, com o mesmo princípio, os potenciais produtores internos. Só uma estratégia deste tipo permite que potenciais produtores se interessem em investir. Proteger tudo o que se produz hoje, por pior que seja, e não proteger o que ainda não se produz, torna-nos menos competitivos e impede a diversificação!

Contudo, há urgência em reduzir as importações, o que deve ser feito sobre-taxando os bens supérfluos, penalizando quem tem alguma coisa, e não reduzindo os bens essenciais, castigando os mais pobres da sociedade.

A **importação de serviços, excluindo os serviços às petrolíferas**, representa a maior fatia das importações, representando 3,6 mil milhões e crescendo marginalmente (menos de 1%). É aqui que tem de se acelerar o esforço de redução das importações!

A importação de **bens de consumo corrente sem combustíveis** passa de 3,3 para 2,4 mil milhões, -28%. É uma redução brutal da oferta ao consumo considerando que a produção interna de bens e serviços finais *per capita* foi, segundo o INE, negativa no 1.º Trimestre (não há ainda dados do 2.º Trimestre)!

Os **bens de investimento** caem de 1,9 para 1,6 mil milhões (-12%), o que é preocupante, porque a tendência de queda entre 11-12% se mantém há 2 Trimestres.

Os **combustíveis** decrescem ligeiramente de 1,65 para 1,50 mil milhões de USD (-9%).

Os **bens de consumo intermédio** descem ligeiramente mantendo-se em cerca de 0,9 mil milhões (-2%).

Os **serviços às petrolíferas** sobem 10% e passam de 685 para 755 milhões de USD.

Por categoria de produtos, **Máquinas e equipamentos** mantêm o 1.º lugar, com 1,6 mil milhões de USD, uma variação de -9% (153 milhões) e um peso de 14,9%.

Combustíveis são a nossa 2.ª importação com 1,5 mil milhões de USD, uma variação de -9% (-152 milhões) e um peso de 13,9%.

Seguem-se os **serviços de transporte** com 1,4 mil milhões de USD, uma variação de -0,7% e um peso de 13,2%.

Os **bens alimentares** ganham uma posição face ao 1.º Trimestre. Representam 955 milhões de USD, têm uma variação de -8% e um peso de 8,8%, mantendo a 4.ª posição na comparação entre semestres.

Viagens perdem uma posição face à classificação do 1.º Trimestre, mas saltam 3 posições para o 5.º lugar na comparação entre semestres, com um peso de 8,1%. As viagens representam 875 com uma variação de +33%. Aparentemente temos mais deslocações de e para fora do país, mas toda esta procura adicional foi absorvida pelas companhias estrangeiras, sem qualquer benefício para a TAAG!

Serviços às petrolíferas atingem o 6.º lugar, ganhando 1 posição na comparação semestral, com 755 milhões de USD, uma variação de +10%% e um peso de 7,0%

Seguem-se os **serviços de construção** em 7.º lugar, perdendo uma posição face ao 1.º Semestre de 2023, com 642 milhões de USD, uma variação de -15% e um peso de 5,9%. Voltámos a aumentar a contratação de obras (sobretudo públicas) ao exterior!

Materiais de construção ganham 2 posições face ao 1.º Semestre de 2023, ocupando o 8.º lugar, com 636 milhões de USD, uma variação de +13% e também um peso de 5,9%. Reduziram-se os serviços de construção e aumentaram os materiais de construção o que representa um maior valor acrescentado interno.

Produtos químicos e farmacêuticos (leia-se **medicamentos**) mantêm a 9.ª posição com 408 milhões de USD, uma variação de -33% e um peso de 3,8%. Os medicamentos têm necessariamente de estar mais caros!

Felizmente temos uma forte redução em **viaturas** que perdem 5 posições face a 2023, com apenas 387 milhões, uma variação de -50% e um peso de 3,6%.

Os **restantes bens e serviços** representam 1,7 mil milhões com uma variação de -24%.

TRANSFERÊNCIAS DE RENDIMENTOS

A Balança de transferências é negativa mas melhora 13%.

A **balança de rendimentos primários** (salários, juros e lucros) passa de -4,0 para -3,7 mil milhões de USD melhorando 9%.

A **balança de rendimentos secundários** agrupa todas as restantes transferências: ajuda familiar, saúde, compra de casas, etc) ou serviços (propinas, etc).

Em detalhe:

A **balança de rendimentos de trabalho** deteriora-se ligeiramente de -162 para -169 milhões de USD (+4,5%), exclusivamente à custa dos rendimentos dos expatriados. Continua a não existir qualquer registo de transferências de salários da diáspora para Angola!

Sendo esta uma fonte importante de divisas em muitos países africanos, não se entende este completo divórcio entre a diáspora e o país, exigindo-se uma actuação muito mais dinâmica para atrair estas poupanças.

A **balança de juros e lucros**, que domina toda a balança de transferências, passa de -3,9 para 3,5 mil milhões de USD, com as transferências para o exterior a descerem de 4,2 para 3,9 mil milhões (-7,9%) e as transferências do exterior subirem de 277 para 313 milhões de USD (+13,1%, mas sem grande expressão)!

As transferências de **invisíveis correntes** (rendimentos secundários) de Angola para o exterior passam de 346 para 137 milhões no 1.º Semestre (-60,4%), enquanto as transferências do exterior para Angola subiram de 6 para 8 milhões, mas sem qualquer expressão.

A **rentabilidade transferida** (juros e lucros transferidos divididos pelo investimento) decresce de 6,0% para 5,8% ao Semestre (-0,2 p.p.). A rentabilidade repatriada dos investimentos angolanos mantém-se em 0,6%! A rentabilidade dos nossos investimentos externos é 9 vezes inferior à rentabilidade dos investimentos externos em Angola!

POSIÇÃO DO INVESTIMENTO INTERNACIONAL LÍQUIDO

O saldo do investimento externo incluindo reservas (activos externos do BNA) passa de 20,3 para 17,8 mil milhões de USD, o que corresponde a -3,0 milhões de USD (-12,6%).

Activos — investimento angolano no exterior

O investimento angolano no exterior, excluindo as reservas do BNA, passa de 32,8 para 34,0 mil milhões de USD, aumentando 1,2 mil milhões (+3,6%), com os movimentos mais significativos no aumento dos fluxos de crédito comercial (+1,3 mil milhões), a desvalorização de 0,6 mil milhões em moeda e depósitos e a valorização de 0,2 mil milhões em Investimento de Carteira. Esta contínua deterioração dos depósitos no exterior é completamente obscura. Que tipo de depósitos em moeda externa temos que se desvaloriza constantemente?

O prazo médio de recebimentos aumenta de 86 para 99 dias.

O nossos principais investimentos externos são: moeda e depósitos (16,5 mil milhões), créditos comerciais (9,9 mil milhões), investimento directo (5,3 mil milhões, quase todo da Sonangol) e investimentos de carteira (1,8 mil milhões).

Passivos — investimento estrangeiro em angola

O investimento estrangeiro em Angola desce 2,4%, de 67,9 para 66,8 mil milhões de USD (-1,1 mil milhões de USD), devido essencialmente à rubrica de empréstimos (-1,8 mil milhões), compensados pelo IDE (+0,5 mil milhões) e créditos comerciais (+0,2 mil milhões). Mas atenção que a variação do IDE não tem coerência entre a Balança de Pagamentos (+497,5 milhões) e a posição do Investimento (-77,3 milhões) pelo que pode ser apenas um erro.

A incapacidade de contratar nova dívida externa continua a ser o principal factor da falta de divisas!

O IDE petrolífero tornou-se positivo (295 milhões) pela 2ª vez na série (se não existir erro). O IDE não-petrolífero foi apenas de 178 milhões de USD, o que, apesar das taxas de variação, é totalmente irrelevante para o crescimento económico do país. Pior ainda, passa de 133 milhões no 1.º Trimestre para 45 milhões no 2.º Trimestre!

O prazo médio de pagamentos sobe de 62 para 67 dias o que compara com o prazo médio de recebimento de 99 dias.

Desde 2017 até ao 1.º Trimestre de 2024, o investimento estrangeiro em Angola apresenta o seguinte quadro:

É deplorável a progressão do IDE (-57%), de 29,4 para 12,6 mil milhões, contudo, positiva em 2024!

O valor dos empréstimos externos desce de 48,0 para 46,7 mil milhões de USD (-3%).

Os Direitos Especiais de Saque (DES) do FMI sobem de 0,4 para 1,3 mil milhões, graças ao apoio de mil milhões de USD em meados de 2022.

A moeda e depósitos reduz-se de 2,4 para 0,6 mil milhões (-76%).

O crédito comercial sobe de 0,9 mil milhões para 3,9 mil milhões (+344%). Exportávamos muito mais e recebíamos mais depressa!

O saldo de investimento externo em Angola passa de 81,5 para 66,8, caindo -14,7 mil milhões de USD (-18%).

Luanda, 23 de Setembro de 2024